



COMUNICAM DPO

Ano I - nº 04
Novembro de 2020



SOCIALIZANDO A PAUTA

Racismo e LGBT+fobia: a intersecção de duas violências estruturais. Marsha P. Johnson é o primeiro grande nome na era moderna da luta pelos direitos civis da população LGBT+ [p. 6].

SOMOS NOTA 5 NO ENADE 2019

O ÚNICO CURSO DE MEDICINA
COM NOTA MÁXIMA NO ESTADO
DE MATO GROSSO DO SUL!

10ª posição
Entre as federais

15ª posição
Entre as faculdades
públicas de medicina

17ª posição
Entre as faculdades
de medicina no Brasil

UFMS [p. 5]

CENTRO ACADÊMICO: SISU 2021

A UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), estabeleceu que não haverá vagas para ingresso em 2021 pelo SISU (Sistema de Seleção Unificada) [p. 10].

COMUNICAMDPO

Ano I - nº 4, novembro de 2020

CONTATO

jornaldocamdpo@gmail.com

EQUIPE EDITORIAL

Bruno Fernando de Oliveira (T3)

Giulia Rita Barbosa Scorsin (T3)

Heitor Yuri Nogara (T6)

Laura Ramires Silva (T6)

Leonan José de Oliveira Silva (T5)

Leonardo Siqueira Aprile Pires (T5)

Marcela Rodrigues Brandão (T6)

Maria Cecília Gonçalves Martins (T6)

CENTRO ACADÊMICO DE MEDICINA 'DERCIR PEDRO DE OLIVEIRA'

E-mail: jornaldocamdpo@gmail.com

Instagram: @comunicamdpo

CURSO DE MEDICINA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS) CAMPUS DE TRÊS LAGOAS (CPTL)

www.cptl.ufms.br

Av. Ranulpho Marques Leal, 3484. Três Lagoas
(MS). CEP: 79620-080.

Mary Eliza Mahoney: a necessária quebra de estatística.



Mary E. Mahoney (1845-1926).

Fonte da foto: BlackPast.

Mary Eliza Mahoney nasceu em Dorchester, no estado de Massachusetts (EUA), em 7 de maio de 1845, tendo sido a primeira afro-americana a estudar e a trabalhar como enfermeira, em âmbito profissional, nos Estados Unidos.

Filha de escravos libertos, foi a mais velha de três filhos, sendo que seu irmão falecera ainda criança. Era uma batista devota que frequentava muito a Igreja Batista do Povo

em Roxbury. Iniciou seus estudos na Phillips School, uma das primeiras escolas integradas em Boston.

Devido ao contexto da Guerra Civil Americana (também conhecida como Guerra de Secessão, 1861-1865), aliado aos ensinamentos de moralidade e humanidade de sua antiga escola, Mahoney demonstrava um interesse pela enfermagem aos 18 anos. Era muito difícil que mulheres afro-americanas, no século XIX, se tornassem enfermeiras treinadas e licenciadas. Enquanto no Sul as escolas de enfermagem rejeitaram as inscrições de mulheres afro-americanas, o Norte estabelecia severo acesso de afro-americanos aos programas de treinamento e pós-graduação. O Hospital para Mulheres e Crianças da Nova Inglaterra (NEHWC), hoje intitulado Complexo Centro de Saúde Dimock Community, foi a primeira instituição a oferecer um programa de serviço a mulheres na saúde, antes muito dominada por homens.

Foi admitida, aos 33 anos, num programa de 16 meses do mesmo hospital. Entre 40 estudantes, estando também sua irmã, Ellen Mahoney, apenas Mary e mais duas mulheres brancas foram aprovadas para o programa. Apesar de Mary não atender aos critérios da faixa etária, que compreendia dos 21 aos 31 anos, acredita-se que fora aceita pela administração por ter tido vínculo aos 18 anos, quando lá mesmo trabalhou como cozinheira, empregada doméstica e lavadeira.

Seu treinamento consistiu em observação, ao longo de um ano, de todas as enfermarias do hospital, a fim de obter um conhecimento universal sobre enfermagem. Com palestras e aulas de médicos da enfermaria, abordavam-se diferentes assuntos de famílias, geral, alimentação aos enfermos, cirurgias, berço, desinfetantes e assuntos fisiológicos. Além disso, procedimentos foram ensinados nos leitos, a citar a aplicação de vacinas vitais e o enfaixamento. Vale acrescentar que Mahoney esteve trabalhando, por muitos meses, como enfermeira particular. Durante boa parte do programa, cada enfermeira ficava responsável por seis pacientes. Os dois últimos meses passaram-se em ambientes onde as estudantes deveriam aplicar o conhecimento em áreas pouco habituadas. Cumpridos os requisitos, Mahoney formou-se em 1879 como enfermeira registrada ao lado de outras três mulheres. Foi a primeira afro-americana a se formar numa escola americana de enfermagem.

Após receber o diploma, atuava como enfermeira particular em famílias ricas e brancas, trabalhando com novas mães e recém-nascidos. Mahoney buscava jantar sozinha na cozinha, para afastar uma associação que existia, na época, de que enfermeiras afro-americanas eram tratadas como empregadas domésticas. Passou a ser conhecida pela sua eficiência na profissão, além de suas habilidades e preparação. Recebia solicitações particulares em outros estados (costa norte e sudeste) para cuidado de pacientes.

Mahoney buscava abolir o preconceito e a discriminação existente no campo da enfermagem com relação às minorias, mais precisamente as afro-americanas, acreditando que todos deveriam buscar seus sonhos sem sofrer a discriminação racial. Sendo assim, em 1908, ao lado de Martha Minerva Franklin e Adah B. Thoms, ela foi co-fundadora da National Association of Colored Graduate Nurses (NACGN), em resposta ao fato de a Nurses Associated Alumnae (dos EUA e Canadá, fundada em 1896), da qual Mahoney fora uma das

fundadoras originais, ter deixado de aceitar enfermeiras afro-americanas. A NACGN buscou homenagear e parabenizar as realizações de enfermeiras de minorias, com o intuito de eliminar a discriminação racial no campo da enfermagem registrada, de modo que Mahoney se tornou membro vitalícia.

De 1911 a 1912, atuou como diretora do Howard Coloured Orphan Asylum, fornecendo assistência a crianças negras libtas e idosos negros. Esta foi uma das poucas instituições voltadas para e dirigida por afro-americanos. Foi ali que Mary terminou sua carreira. Após a aposentadoria, Mahoney dedicou-se à promoção da igualdade de mulheres,

bem como ao sufrágio feminino. Desde 1936, existe o Prêmio Mary Mahoney, concedido a cada dois anos pela Associação Americana de Enfermeiras (ANA) em reconhecimento às ações que buscavam igualdade de oportunidades, no campo da enfermagem, para as minorias. Em 1976 e 1993, respectivamente, teve seu nome incluído no Hall da Fama da ANA e no Hall da Fama da Mulher Nacional.

Mahoney faleceu aos 80 anos em 4 de janeiro de 1926, devido a um câncer de mama que a acometia desde 1923. Foi sepultada no cemitério Woodlawn em Everett, Massachusetts.

Heitor Yuri Nogara é aluno da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Personalidades históricas na Saúde”.

ARTE NA MED

O som do tempo

“Eis que nos primeiros giros da sociedade industrial surge o estrondoso século XX. A última e uma das mais belas partes do segundo milênio. Não demorou muito para que um certo físico alemão nos iluminasse com a primeira parte de sua mais famosa teoria. Era 1905, mas talvez pudéssemos nomear de ano miraculoso, quando Albert Einstein concluiu sua tese em 30 de abril daquele ano. A humanidade enfim descobrira o tempo!



Chegamos na hora do seu questionamento. Você mesmo que está lendo este texto. Uma hora ou outra vai acabar me perguntando:

- O que a teoria especial da relatividade e o seu braço direito, a teoria geral da relatividade, tem a ver com a tua arte? Acredite a pergunta não poderia ser mais retórica.



Foi ao me esgueirar entre as pernas dos meus pais, para visualizar o som que vinha do bloco afro da minha comunidade, que percebi a existência de um senhor de todas as artes: o tempo. É tão raro. Tudo acontece em uníssono. O grave dos tambores, o estalo dos tamborins, a magia da voz, a alegria dos metais, a bagunça organizada da cozinha e a cobertura do ganzá... tudo é encaixe na voz do tempo. Tudo é tempo na voz do encaixe. ‘Mas que coisa tão linda, quando ela passa me faz chorar.’

Você já percebeu como a realidade se transforma quando alguém toca um tambor? Os olhos procuram e os ouvidos se encantam. Os passos se distraem. Vem de onde esse som? De quem será? Por vezes, eu fui o menino que ouve, com os anos fui o menino que toca e hoje sou o que descreve esse mar de melodia. E o som do treme terra toca mesmo o nosso coração, meu mestre me diz essa é a voz da África vibrando em nossos pés. Arrepiando nossas peles.

E quando o apito marca, o corpo espera a virada. E vira a batida, vira a

noite e vira o mundo atrás da bateria. Somos o samba, somos o congado, somos o samba reggae essa é a nossa matriz. E agora o tempo não é somente o som, também é nossa escola é nossa raiz.

Eu já fui das cordas. Fiz sol, fá e ré sustentado no violão, ganhei uma gaita da minha mãe para os dias de chuva, tive minhas aulas de banjo, experimentei a bateria e toquei no cajon ao entardecer. Mas não há nada comparado com a unidade de um bloco, da coletividade produzindo junto a partir de vários tons. O calor demora para ser notado e a mão machucada nem se lembra das horas extras de apresentação. Foram shows, torcidas, JORENs, INTERMEDs, JIAs e desafios. E não foi só a rouquidão que sobrou no fim do dia, a gente percebe depois de um tempo que tocar tambor é mesmo preencher o infinito. Por fim voltamos a Einstein:

- A alegria de ver e entender é o mais perfeito dom da natureza. E entendemos bem esse tal de tacaticatá...”

Isaac Gonçalves Castro, 25 anos, é aluno da turma 4 de medicina da



UFMS/CPTL e é ex-mestre da Bateria Manada, deixando um legado para todos os ritmistas e futuros mestres.

Imagens: cedidas e autorizadas pelo Isaac Gonçalves Castro.

Laura Ramires Silva é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Arte na med”.

EX-ALUNOS DA MED

Nessa edição, nós conversamos com o ex-aluno da turma 1, **Gilson Barbosa Guimaraes**, 33 anos. Atualmente ele atua como médico clínico na Unidade de Pronto Atendimento (UPA), estabelecimento Penal Feminino de Três Lagoas, Colônia Penal e Industrial de Três Lagoas e Regulador/Intervencionista no SAMU-TL.

Pedimos para que ele contasse um pouco da história dele dentro do curso de medicina da UFMS/CPTL e como ele está atualmente quanto à vida pós-universidade. Segue abaixo o relato do Gilson:

“Escolhi Três Lagoas durante o processo do SISU/2014 levando em consideração a posição geográfica em relação a Uberlândia (MG) e a necessidade de ingressar o mais rápido possível (principalmente devido à minha idade). Depois da aprovação, já no processo de matrícula, me deparei com uma realidade bem diferente do que eu imaginava durante o ano de cursinho. Segundo o programa de expansão de vagas de medicina para o interior – MAIS MÉDICOS, as melhorias viriam com o avançar da primeira turma.

O então Diretor do Campus, Dr Menoni, me indagou se estava ciente de todas as dificuldades de começar um curso do zero. Eu apenas sorri. A maior motivação veio das pequenas vitórias dentro de um curso que tinha tudo para crescer, tendo em vista o comprometimento dos professores da básica e dos alunos que já traziam uma história de superação consigo.

Cheguei em Três Lagoas com inúmeras dificuldades para me manter durante longos seis anos, mas tudo foi se encaixando. Em 2014 a cidade vivia o boom da indústria de celulose, dessa forma, ir ao supermercado era um verdadeiro sacrifício. Havia problemas de infraestrutura e a minha única opção foi dividir meu horário de descanso com

inúmeros trabalhos. Minha primeira experiência profissional nessa cidade foi no Instituto Médico Legal (IML), em caráter de estágio não curricular. Em seguida veio o ofício de garçom e mais tarde a tão sonhada Instrumentação Cirúrgica, uma nova profissão que além de ajudar financeiramente me deu uma bagagem e uma vivência hospitalar sem igual.

Os anos se passaram e cada dia eu sentia o cheiro da vitória. Foi muito bom perceber o quanto o respeito pela medicina de Três Lagoas aumentou ao longo dos anos. Em 2015 quando instrumentei minha primeira cirurgia, a grande maioria dos profissionais não sabiam que a cidade contava com um curso de medicina. Acreditavam que eu era oriundo de outra faculdade. Na minha última cirurgia, na véspera da minha colação de grau foi muito emocionante ver toda a equipe me parabenizando por ter vencido junto com meus colegas de turma.

Aos calouros, meus sinceros votos de sucesso em nossa profissão. Já sinto o peso das inúmeras responsabilidades, mas sempre me emociono com a gratidão do paciente que teve sua dor diminuída. O diferencial de ser primeira turma é ter passado por inúmeras dificuldades, vivenciado o descrédito por parte de muitas pessoas, mas hoje ostentar uma nota cinco no ENADE/2019. Estamos entre as melhores do país e isso é a justa homenagem a quem não desistiu de ver o ensino público e de qualidade em lugar de destaque.

Obviamente a postura e a vontade aprender será a maior ferramenta que terão depois que o CRM (número que o profissional adquire após realizar a inscrição no Conselho Regional de Medicina) vier. Existe uma expectativa imensa sobre o profissional médico, e ela deve ser entendida como algo cultural. Nossa missão deve ser desconstruir todo



e qualquer muro entre nós e o paciente. É necessária a prática diária da empatia, estudar com humildade e reconhecer que somos passivos de erros. Lembrando sempre do objeto final da nossa missão – a vida.

“O diferencial de ser primeira turma é ter passado por inúmeras dificuldades, vivenciado o descrédito por parte de muitas pessoas, mas hoje ostentar uma nota cinco no ENADE/2019.”

Quanto a ser um médico negro: é para mim uma missão. Percebo que além da bandeira da superação das disparidades históricas posso inspirar pessoas, e com isso fazer diferença na vida do outro. Sempre me recordo de quando arrumava pneus na borracharia do meu pai e, coincidência ou não, havia uma clínica médica em frente. **Fui agraciado por Deus por acreditar no papel transformador da educação. Ela muda realidades.** Talvez durante o curso me deparei com pessoas que tentaram me desmotivar, mas minha história falou por si só. Sigo extremamente grato aos diversos profissionais que me auxiliaram nesse processo e levo e lavarei para sempre o nome da medicina de Três Lagoas.”

Imagem: cedida e autorizada pelo Gilson Barbosa Guimarães.

Bruno Fernando de Oliveira é aluno da Turma III de Medicina e responsável pela coluna de “Ex-alunos da med”.

A conquista da primeira turma de Medicina da UFMS CPTL

Você sabia que o curso de Medicina da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) Campus Três Lagoas obteve nota máxima no ENADE 2019?

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) é uma avaliação obrigatória aplicada pelo Ministério da Educação (MEC). A prova é realizada por acadêmicos do último ano de cursos de graduação de universidade públicas e privadas. O conceito ENADE varia de 1 a 5 e quanto mais alta a pontuação melhor o desempenho dos estudantes. O curso de medicina da UFMS no Campus de Três Lagoas (CPTL) obteve média 5, sendo o único do estado a obter nota máxima. Essa conquista ocorreu após seis anos do início do curso, em 2014, sendo este exame realizado pelos alunos formandos da Turma I.

O professor **André Valério da Silva**, 38 anos, ao relembrar o começo da implantação do curso, disse: “O início se deu com cinco professores da área básica e uma professora de saúde pública e, sem coordenador de curso. Quando a primeira turma ingressou, o campus ainda não possuía estrutura, mal tínhamos salas de aulas, sendo, inclusive, o laboratório de Anatomia um depósito de lixo, por exemplo. Nesse primórdio, havia a necessidade de utilizar espaços de outros cursos, e ainda não havia professores médicos ou expectativa real sobre estágios em hospital”.

O professor **Adalberto Vieira Corazza**, 45 anos, quando perguntado sobre as principais dificuldades enfrentadas no início do curso disse: “Um dos maiores desafios foi a primeira visita do MEC e a notícia de que o curso não aconteceria com o Projeto Pedagógico apresentado e criado antes de chegarmos. As avaliadoras afirmaram que o curso não ocorreria sem a implantação de Metodologias Ativas. Assim, tivemos longas horas de trabalho para iniciá-lo em agosto de 2014, para que, com isso, houvesse a possibilidade de abrir o caminho para a Turma I”.

O professor Adalberto afirma: “No início tínhamos a dificuldade para compor a grade de professores médicos. A partir dessa necessidade, nos organizamos e fomos estimular o

interesse dos médicos da região de Três Lagoas para a docência no nível superior. Com o tempo conseguimos agregar vários médicos de Três Lagoas e outros vieram de grandes centros para compor o curso e clinicar na cidade. O primeiro coordenador do curso foi o Prof. João Ricardo Filgueiras Tognini e com a contratação de médicos, ele transferiu a coordenação para a Prof^a. Tatiana Perini, em seguida para o Prof. Rafael Cassemiro e atualmente o Prof. Carlos Macedo, os quais não pouparam esforços para proporcionar o melhor para o curso”.

Dessa forma, as conquistas durante esses anos foram grandes, como o ingresso de professores médicos, de forma que o quadro docente está completo atualmente, a consolidação das oportunidades de estágios e até mesmo as melhorias da infraestrutura do Bloco da Medicina (Bloco VIII).

Nesse viés, sobre o diferencial que resultou na nota máxima, a professora **Priscila Balderrama** disse: “O diferencial foi o comprometimento de todos os atores sociais envolvidos no processo. Sou docente há três anos na UFMS CPTL e cheguei a ministrar aulas para a turma I e, mesmo não estando há tanto tempo na instituição, percebo que os professores e profissionais da área da saúde são extremamente comprometidos”.

Nesse sentido, é válido ressaltar a dedicação de todos os professores da área básica (Alex Martins Machado, Danielle Cristina, Helder, Julie Massayo Oda, Marcelo Kwiatkoski, Mônica Mussolini entre outros) e do primeiro coordenador, os quais assumiram a causa e auxiliaram a construir o início do curso. Além disso, o diretor do CPTL durante a implantação, Prof. Antônio Menoni, colaborou para discutir, com a reitoria em Campo Grande, as necessidades de infraestrutura básica para a implantação.

Diante disso, esse resultado evidencia a importância dos benefícios do Ensino Superior para a comunidade em geral, contribuindo para a formação de profissionais qualificados para a prestação de serviços e promoção de saúde, de forma a reverter as contribuições da universidade para a sociedade.

Assim, o professor André disse: Quando você se torna professor, você ganha a “bagagem do ideal”, no meu caso, de auxiliar a formar um profissional decente para sociedade, o que não é uma tarefa fácil, ainda mais nos tempos atuais. Assim, esse



resultado é prova de que o ideal não foi perdido, não foi perda de tempo. Os alunos da T1 demonstraram que são excelentes profissionais e nos elevaram a histórica marca de melhores cursos do Brasil”.

Portanto, a construção de um curso novo é difícil, mas a nota máxima reflete a dedicação de professores, corpo

técnicos, estudantes, coordenadores de curso e todos os envolvidos nessa jornada. Assim, ter uma graduação tão bem avaliada e com um corpo docente de excelência, é um grande ganho para continuar otimizando a educação médica humanizada, para que os acadêmicos do CPTL permaneçam alcançando o sucesso.

Imagem: foto oficial de formatura da Turma I. Cedida e autorizada pelos alunos da Turma I.

Maria Cecília Gonçalves Martins é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna “Você Sabia?”

SOCIALIZANDO A PAUTA

Racismo e LGBT+fobia: a intersecção de duas violências estruturais

Dentre as cores do arco-íris, é importante realizar recortes para reconhecer as particularidades de cada espectro. Nessa perspectiva, o recorte de raça denota como mais de uma opressão pode se sobrepor e se reproduzir fora e mesmo dentro da comunidade LGBT+.



Marsha P. Johnson é o primeiro grande nome na era moderna da luta pelos direitos civis da população LGBT+. Transvestigênera, negra, foi uma das primeiras a responder à violência policial durante um protesto pacífico, dando início à

Revolta de Stonewall em 1969. Em 1992, Marsha, assim como muitas de suas amigas negras e latinas, foi assassinada de forma brutal e o crime, obviamente, manteve-se impune uma vez que o culpado nunca foi encontrado.

Em 2019, o mundo celebrou os 50 anos do episódio de Stonewall. Neste mesmo ano, segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), foram registrados 121 casos de transfeminicídio no Brasil, dos quais 82% foram contra mulheres trans ou travestis negras. Sobre esse dado alarmante, contudo, pouco é falado nos meios de comunicação centrados na população LGBT+ e este sequer é considerado como relevante para pautas da mídia tradicional e de ampla distribuição.

Da mesma forma, pessoas não-heterossexuais (gays, lésbicas, bi, pan, assexuais etc.) negras também sofrem a opressão da heterossexualidade compulsória e normativa de forma jamais dissociada da opressão de raça. Desde taxas maiores de morte por homicídio e suicídio a problemas como a fetichização, bem como seu oposto, a rejeição e a falta de afeto, várias são as violências específicas às quais a parcela branca da comunidade não está sujeita e parece ainda relutar em, no mínimo, reconhecer.

Quando a própria comunidade fecha os olhos para essas violências, o que pode se esperar da população cisgênera e heterossexual? Se essas informações não se propagam, se os jornais, escolas e universidades não falam sobre isso, se não trazemos isso para o nosso dia-a-dia, como esperar que um dia ocorra a mudança?

É preciso olhar ao redor e reconhecer, em primeiro lugar, seus próprios privilégios. A maioria da população LGBT+ que alcança a mídia e conseguiu de alguma forma “ascender” é composta por homens cis, gays, brancos. O resto da “comunidade” segue tentando remar para conseguir a segurança de poder viver sem medo constante da violência em qualquer de suas formas. Cegar-se à realidade do racismo como uma estrutura de opressão que age em conjunto às demais e que se propaga mesmo dentro de espaços supostamente seguros é perpetuar o falocentrismo branco, colonial e elitista que vem ceifando vidas e determinando as normas da sociedade com seus jogos de poder há séculos.

Finalmente, é essencial reafirmar a violência como uma questão de saúde. Dentro dessa perspectiva, como profissionais e como portadores de cidadania, estar ciente dessas vulnerabilidades é indispensável para um cuidado de fato

integral - cuidado este que não se aplica só em nível individual, necessitando de pessoas sensíveis a essas realidades também no espaço da gestão, para formulação e aplicação de políticas públicas. Mais ideal ainda é que cada vez mais tenhamos pessoas LGBT+ negras nos espaços de poder, de tomada de decisões, de

desenvolvimento de políticas e da luta por equidade - que não seja um sonho tão distante quanto parece ser nos dias atuais.

"Andar em paz eu mereço. Mereço sorrir, mereço cantar. Mereço que parem de me matar." Urias (cantora brasileira travesti e negra), em sua música "Andar em Paz".

Imagem: desenvolvida pela membra do ComuniCAMDPO, Marcela Rodrigues Brandão.

Giulia Rita Barbosa Scorsin é aluna da Turma III de Medicina e é responsável pela coluna "Socializando a pauta".

QUEM SÃO OS NOSSOS DOCENTES?

O docente convidado dessa edição é o **Prof. Dr. Cássio Mendes Carvalho**, 32 anos, formado em 2012 pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Cássio fez especialização em Ortopedia e Traumatologia pela Universidade de São Paulo, no campus de Ribeirão Preto, e Cirurgia do Quadril e Pelve pela Santa Casa de Misericórdia também em Ribeirão Preto. O professor fez também aperfeiçoamento em Artroscopia de Joelho e em Alongamento e Reconstrução Óssea pelo Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IOT-USP-SP).

ComuniCAMDPO - Qual a sua cidade de origem? Conte-me um pouco sobre sua trajetória até chegar em Três Lagoas.

Cássio - Sou natural de Luz, em Minas Gerais. Minha trajetória foi um pouco longa, mas o destino final foi Três Lagoas por estar em franco crescimento e isso nos chamou a atenção para esse município. Mudei para Andradina há 4 anos após os períodos de especialização e há 1 ano e 6 meses trabalho em Três Lagoas.

ComuniCAMDPO - O senhor sempre quis ser médico? E quanto à especialização?

Cássio - Eu sempre quis ser médico, nunca pensei em outras profissões. Quanto a decisão pela ortopedia veio apenas no último ano, após cursar o internato nessa área, antes passei por otorrinolaringologia e cheguei a fazer 4 anos de Iniciação Científica como bolsista da FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) na área de pneumologia



pediátrica. Acreditava que seria isso que queria fazer, mas a ortopedia é meu perfil.

ComuniCAMDPO - Quando soube que queria ser professor universitário? Por que escolheu ser docente da UFMS/CPTL?

Cássio - A parte de docência é uma novidade para mim, soube do concurso e resolvi prestar para ter um novo desafio na carreira. Após as etapas de seleção soube que estava aprovado. A escolha da UFMS/CPTL foi principalmente por ser um campus novo, com muito trabalho a ser feito e muita oportunidade ainda.

ComuniCAMDPO - Quais as suas principais áreas de interesse dentro da ortopedia?

Cássio - Cirurgia do quadril principalmente, cirurgia do joelho e alongamento e reconstrução óssea são as minhas áreas principais de interesse.

ComuniCAMDPO - Como um aluno deve prosseguir caso queira desenvolver alguma pesquisa com o senhor?

Cássio - Basta nos procurar que sempre temos algo para fazer.

ComuniCAMDPO - Como foi a sua experiência universitária? Participava da atlética, bateria ou do centro acadêmico da sua universidade?

Cássio - Formei na UFMG e participei por pouco tempo da bateria, que chamávamos de "Charanga". Tive uma pequena participação do diretório acadêmico Alfredo Balena – UFMG durante um ano apenas.

ComuniCAMDPO - Quais as qualidades essenciais para ser um bom médico? Por quê?

Cássio - Dedicção e paciência, pois nós sempre temos muito a aprender. Nunca acaba.

ComuniCAMDPO - Quem é Cássio longe das salas de aula? Quais os seus passatempos?

Cássio - Quem sou eu? É algo que ainda busco conhecer. Sou uma pessoa caseira e tranquila. Meus "hobbies" são aviação, esportes de luta - jiu-jitsu - e viagens.

O professor Cássio Mendes relembra, principalmente aos alunos, que o curso de medicina é apenas o primeiro degrau da carreira. É preciso estarmos sempre ávidos pelo conhecimento.

Sobre a temática do racismo, que está presente em todas as reportagens dessa edição especial ao dia da Consciência Negra, também fizemos algumas perguntas ao professor Cássio.

ComuniCAMDPO: Como o senhor enxerga a questão do racismo na área médica?

Cássio - Bom, primeiramente existe sim uma discrepância grande entre etnias na área da saúde, devido principalmente às questões históricas. Podemos dividir esse tema em duas partes: visão da área médica e visão dos pacientes.

Visão da área médica: existe sim uma certa resistência da classe, pois minha geração - que entrou no mercado de trabalho já alguns anos - foi criada de uma forma diferente da atual. Esse tema não era debatido da forma que é hoje.

Vemos então alguns preceitos que foram sedimentados e que ocorrem até hoje, como questionamento de competência técnica e às vezes até de competência moral. Mesmo assim, creio que infelizmente hoje tem uma supervalorização do tema por questões políticas, há muito radicalismo.

Visão dos pacientes: por ser uma profissão extremamente tradicional e cheia, eu diria, de práticas únicas, os pacientes tem uma visão do médico como: um homem de acima de 40 anos, caucasiano, de cabelos grisalhos, vestido de branco ou usando jaleco e com fala pausada - totalmente diferente do que sou. Causa certo impacto para os pacientes que me encontram pela primeira vez, pois os mesmos me falam que esperariam encontrar alguém como a descrição acima. Isso ocorre pelas questões históricas, nas quais, temos menos negros, índios e mulheres em cargos ou profissões de destaque, mas observo uma mudança nesse cenário, ele está se tornando mais homogêneo. Mas não creio que será na minha ou na próxima geração que o ocorrerá a mudança, pois ela é lenta.

ComuniCAMDPO: O senhor vivenciou alguma situação de racismo em algum momento de sua graduação? E na vida profissional?

Cássio - Se vivenciei alguma situação de racismo? Com certeza... isso é algo que todos passamos. Na graduação não me recordo, pois nossa turma era tranquila. Na vida profissional, sim.

Quando você destoa do tradicional, chega em algum lugar, você cria um incômodo na situação atual, pois você é o diferente, então começam os

ataques morais. Já sofri e ainda sofro preconceito com apelidos "inofensivos", ditos até mesmo por médicos, e até difamação na sociedade relacionada a questionamento técnico devido à cor da pele. Infelizmente são ferramentas e artifícios que usam para atingir sua moral e te afetar emocionalmente, pois você não pertence àquele "grupo".

Já sofri preconceito também de pacientes. Uma passagem que me marcou e que eu entendi que tenho e tinha um longo caminho pela frente nessa questão foi quando um paciente agendou consulta e, ao chamá-lo, perguntou para secretária "se era esse pedreiro que o iria atender". Calmamente respondi para ele que "esse pedreiro estudou, mas que ele era livre para procurar outro profissional se quisesse". O paciente passou por consulta, mas não retornou mais.

Então, temos um longo caminho para percorrer ainda, mas sempre vejo melhoras.

“Já sofri preconceito também de pacientes. Uma passagem que me marcou e que eu entendi que tenho e tinha um longo caminho pela frente nessa questão foi quando um paciente agendou consulta e, ao chamá-lo, perguntou para secretária ‘se era esse pedreiro que o iria atender’.”

ComuniCAMDPO: Diante da grande minoria de médicos negros no Brasil, como o senhor enxerga o seu papel na sociedade?

Cássio - O papel que sempre quis ter na sociedade é ser um bom médico e

proporcionar qualidade de vida para meus pacientes. Confesso que quando me formei em Minas Gerais, não sentia muito preconceito. Mas quando mudei para São Paulo, vi que essas questões na nossa região são mais intensas e até mais visíveis.

Nunca quis ser modelo para as pessoas, mas algumas situações me fizeram pensar. Já fui abordado mais de uma vez por mães e por adolescentes perguntando como é ser médico negro, se sofria muito preconceito. Nesses momentos eu nunca havia parado para pensar nessas questões, pois nunca dei muita importância. Sei que sou um bom médico e para isso não há barreiras. Mas também percebi uma certa admiração que essas pessoas tem por mim, pois estou onde elas querem estar daqui alguns anos... então vejo meu papel como mais uma peça de xadrez nessa quebra de barreiras, mostrando que podemos chegar lá. Mas mais uma vez isso não foi o que me motivou ou motiva, mas é algo que vem com a sua caminhada e seus pequenos sucessos.

O que mais ganhei com tudo isso foi resiliência e é isso que tento passar. Haverá barreiras, mas se você quiser, conseguirá superá-las... Não será fácil.

O Dr. Cássio, uma inspiração para muitos alunos, finaliza com uma última mensagem de que tudo o que ele passa acontece também com todos os que destoam do padrão tradicional, sejam negros, mulheres ou pessoas LGBTQ+.

“Mesmo que leve tempo, devagar chegamos lá”.

Imagem: cedida e autorizada pelo Cássio Mendes de Carvalho.

Laura Ramires Silva é aluna da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Docentes da med”.

ATUALIDADES EM SAÚDE

Câncer em tempos de Covid-19: repercussões na vida de mulheres em tratamento oncológico.

SOBRE A OBRA.

Em virtude do contexto de pandemia de Coronavírus (Covid-19), causada pelo vírus SARS-CoV-2 e cujos principais infectados tendem a ser pessoas idosas, com comorbidades e trabalhadores da saúde, medidas de contenção da propagação do vírus passaram a ser rigorosamente estabelecidas. Por exemplo,

em pacientes em situação de tratamento oncológico, a história natural da enfermidade e seus tratamentos tendem a diminuir a resposta imunológica do adoecido, trazendo a ele mais suscetibilidade a infecções do vírus. Sendo assim, os autores buscam demonstrar e discutir a vivência do enfrentamento à Covid-19, na visão de mulheres em tratamento oncológico, ou seja, de grupos de risco.

Abordando a dupla causalidade de pandemia e adoecimento por câncer, há maior presença de barreira social, dificultando a comunicação e gerando mais isolamento, o que prejudica a amorosidade na relação social. Para isso, foram abordadas tecnologias comunicativas (como videochamadas), sendo realizado, por profissionais com experiência, o Círculo de Cultura Virtual (CCV), presente no Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire, com essas mulheres em tratamento, a fim de compreender as vivências. Dessa forma, as mulheres puderam, através da troca de saberes, expressar seus sentimentos, potencialidades, angústias e fragilidades, além de refletirem sobre seus viveres e demonstrarem, ao final, gratidão e acolhimento. É importante destacar que o CCV pode incentivar a maior participação social para qualificar a promoção de saúde.

Portanto, este estudo qualitativo, do tipo ação-participante, assume sua utilidade por atentar-se a um grupo vulnerável diante da pandemia. Além disso, propõe conexões e supera fronteiras no combate ao medo e à ansiedade que pesam sobre o processo saúde-doença dessas mulheres.

Na imagem, são observadas as etapas que compõem o Círculo de Cultura, através do Itinerário de Pesquisa de Paulo Freire. Começa com diálogo inicial, identificando temas geradores, com posterior reflexão crítica dos mesmos, visando à superação das situações limites. Por fim, retiram-se os limites para uma maior análise e compreensão dos fatos, havendo transformação de ideias que levem à autonomia.

Imagem: adaptada pelos autores a partir de <https://www.fitarosa.com.br/lencoquimioterapia-beanie-pink>.

Heitor Yuri Nogara é aluno da Turma VI de Medicina e responsável pela coluna de “Atualidades em saúde”.

ATLÉTICA SOBERANA

A Atlética Soberana deu mais um passo em direção ao desenvolvimento do seu ramo de E-sports em novembro. A partir de um convite, por ser considerada uma das atléticas mais relevantes do Centro-Oeste, ela estará participando de uma liga de E-sports nacional, a UEB League, que conta com a inclusão de 224 atléticas de todo o Brasil. As atividades dessa liga acontecerão por meio de uma competição de Counter Strike: Global Offensive (CSGO), que se iniciará nos dias 14 e 15 de novembro e irá até o dia 20 de dezembro, em sua fase de grupos do Centro-Oeste, e posteriormente terá a consagração do campeão nacional nessa modalidade, que ocorrerá em janeiro. Contamos com a participação da nossa torcida em massa, como



tem sido em todas as outras competições em que a atlética tem se engajado durante a quarentena. Por falar em competições, a Atlética Soberana chegou às quartas de final na competição da Copa Atléticaps, também nacional, após ter sido

campeã no estado do Mato Grosso do Sul. Caso passemos dessa fase, a semifinal ocorre no dia 12 de novembro, e a final está prevista para o dia 20 do mesmo mês. Precisamos do engajamento de todos, para mostrar ao Brasil que a Atlética Soberana cresce cada dia mais e que tem muito potencial de ser

uma das atléticas mais tradicionais do Centro-Oeste. Além disso, vale lembrar que, caso sejamos campeões, a atlética recebe 100 produtos personalizados à sua escolha, dos quais 25% serão sorteados entre os associados, para demonstrar nosso apoio e reconhecimento à participação massiva de todos durante a competição.



REFERÊNCIA

SOUZA, J. B. de *et al.* Câncer em tempos de COVID-19: repercussões na vida de mulheres em tratamento oncológico. **Revista enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 28, s. n., p. 1-7, 2020.

Para quem tem vontade de fazer um pouco mais pela atlética, temos uma novidade: ainda em 2020, teremos a abertura do processo de trainees, que está prevista para o final do mês de novembro. Fiquem atentos ao nosso Instagram e venham fazer parte dessa atlética com a gente!



Por fim, para deixar aquele gatilho de saudades de uma boa festa, dia 26 de outubro completou um ano da Gaiola da

Med, a maior festa em público já feita pela Atlética Soberana nos seus cinco anos de existência, contando com a presença de mais de 1300 pessoas. Esperamos em breve poder superar esse evento, assim que a situação epidemiológica nos permitir!

Imagens: cedidas e autorizadas pela presidente da Atlética Soberana.

Leonardo Siqueira Aprile Pires é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna da Atlética Soberana. O texto foi enviado pela presidente da Atlética, Rayanne Donato

CENTRO ACADÊMICO

Sem SISU na UFMS em 2021

No dia 14 de outubro, foi publicado no Boletim Oficial da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a resolução nº 239, que determina o percentual de vagas para ingresso nos Cursos de Graduação da UFMS. Ficou estabelecido que não haverá vagas para ingresso em 2021 pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU). Conforme a resolução, 80% das vagas serão preenchidas através do Processo Seletivo Vestibular (PVS) da UFMS e 20% através do Programa de Avaliação Seriada (Passe) da UFMS. Até o ano passado, 40% das vagas eram destinadas aos alunos que fizeram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e ingressaram pelo SISU.

A medida foi tomada visando evitar o atraso do calendário acadêmico de 2021 por atraso nos resultados do ENEM e do SISU. Muitos estudantes manifestaram-se contra essa decisão do Conselho de Graduação pelas redes sociais e e-mails encaminhados para os conselheiros que votariam a decisão. Nesse sentido, o Centro Acadêmico de Medicina Dercir Pedro de Oliveira (CAMDPO) manifestou-se desfavoravelmente à decisão através de ofício enviado à Coordenação de Curso e Conselho de Graduação, pois acredita que esta nova medida fere a universalidade de ensino, a democracia do acesso a universidades públicas, além de prejudicar toda a logística e preparação dos estudantes em tempos próximos de vestibulares. Ainda, destaca-se que alunos provindos de diferentes regiões do Brasil, situação essa possível principalmente devido ao acesso por meio da nota do ENEM e pelo SISU, contribui para a diversidade de culturas, costumes e ideias do corpo discente, possibilitando melhor intercâmbio de conhecimentos e tolerância.

No entanto, apesar das manifestações, o Conselho, em sua maioria, aprovou a saída da UFMS do SISU, alegando tratar-se de uma situação pontual, apenas adotada para esse ano de 2021. Devido à pandemia do COVID-19, as provas presenciais do ENEM de 2020 foram adiadas para os dias 17 e 24 de janeiro de 2021, enquanto que as provas digitais acontecerão nos dias 31 de janeiro e 7 de fevereiro. A previsão de saída dos resultados do ENEM é dia 29 de março de 2021. Enquanto que as provas do vestibular da UFMS e do Passe serão, respectivamente, dia 29 de janeiro e dia 5 de fevereiro de 2021, com perspectiva para saída dos resultados no dia 5 de março. Assim, nota-se uma diferença de mais de 20 dias entre as saídas dos resultados.

A UFMS está com **inscrições abertas no vestibular e no Passe** para a 1ª, 2ª e 3ª etapa. As inscrições ficam abertas até o **dia 14 de janeiro**. As inscrições serão realizadas no site da FAPEC (Fundação de Apoio à Pesquisa, Ensino e à Cultura) e a taxa de inscrição é R\$ 120. Para quem precisa solicitar a isenção do pagamento da taxa de inscrição, o prazo para o pedido é até **11 de novembro**.

Neste ano, são oferecidas 5.276 vagas para 114 cursos. Destes, dois são novidades: o curso Educação e Processos do Trabalho: Alimentação Escolar – Tecnológico, na modalidade à distância; e o curso de Direito do Campus de Coxim, desenvolvido na modalidade presencial.

Mais informações podem ser obtidas no URL (endereço web): <https://ingresso.ufms.br/formas-de-ingresso/vestibular/>

Leonardo Siqueira Aprile Pires é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna do Centro Acadêmico de Medicina Dercir Pedro de Oliveira (CAMDPO).

LIGAS ACADÊMICAS

Liga Acadêmica de Clínica Médica (LACM)

Fundada em 2018, a Liga Acadêmica de Clínica Médica (LACM) atualmente sob a coordenação da Prof. Juliana Presto Campos de Rezende, tem como finalidade o desenvolvimento, aprofundamento e difusão de conhecimento da Clínica Médica. Sob essa ótica, a LACM visa contribuir com a formação acadêmica e profissional não só de seus membros, mas também com a comunidade externa.

Assim como toda Liga Acadêmica, seu trabalho se baseia no tripé: Ensino, Pesquisa e Extensão. Na atual Gestão 2020/2021, os projetos de pesquisas são baseados nos “Sinais e sintomas comumente encontrados na Clínica Médica”. Além disso, devido à pandemia, as atividades de ensino e extensão sendo desenvolvidas em ambiente virtual.

Neste contexto, nos dias 18, 19 e 20 de novembro, acontecerá o I Simpósio Interuniversidades de Clínica Médica que está sendo organizado em parceria com a Liga Acadêmica de Clínica Médica e Semiologia, da Universidade de São Paulo (USP), campus de Bauru. O evento surgiu da união entre as ligas de clínica médica



da UFMS-CPTL e da USP-Bauru no intuito de trabalhar diagnósticos diferenciados envolvidos com sintomas comumente encontrados no pronto atendimento. Serão abordados os seguintes temas: dispepsia, náusea e vômito, dor torácica, dispnéia, incontinência urinária e cólica renal. Sendo os dias temáticos, no primeiro serão expostos os sintomas do sistema gastrointestinal, o segundo sobre os sistemas cardiovasculares e pulmonares e, por fim, o último dia será sobre o sistema excretor. Palestrantes das duas universidades estarão presentes, além de outros profissionais que trabalham em grandes hospitais como o Sírio Libanês.

Com o simpósio, o objetivo é alcançar alunos de graduação, pós-graduação e profissionais da saúde de todo o país, ao abordar o reconhecimento dos principais sinais e sintomas encontrados nos pronto-atendimentos através de discussão de casos clínicos. Para acompanhar a LACM e saber mais sobre o simpósio, basta seguir o nosso perfil no Instagram: @lacmcptl e seguir também o Instagram do simpósio: @sicm.2020.

Calendário das Ligas Acadêmicas

MÊS	DIA	EVENTO
Novembro	5	Ciclo de palestras: Medicina Esportiva – LAMEO
	12	Ciclo de palestras: Medicina Esportiva – LAMEO
	17	Ciclo de palestras: Medicina Esportiva – LAMEO
	27	Roda de Conversa: Encontro com Residentes – LAMEO
	18 a 20	I Simpósio Interuniversidades de Clínica Médica

Leonan José de Oliveira e Silva é aluno da Turma V de Medicina e responsável pela coluna das Ligas Acadêmicas.

MATÉRIA DE CAPA

Antirracismo no Brasil: a luta rumo ao “país de todos”

A canção do africano

[...]

"Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro".

[...]

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!
– Castro Alves

O poema supracitado, dentre os muitos que ilustram os sofrimentos do povo negro retirado violentamente de sua terra africana e trazido ao Brasil-Colônia para trabalho forçado, apenas nos dá uma pequena ideia da maior atrocidade já cometida contra a alteridade de um grupo: a escravidão. Nesse contexto, é clara a necessidade de organização contra o regime vigente. Assim nasce o Movimento Negro no Brasil.

O Movimento Negro consiste na luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas sociais, tendo em foco os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, na educação, na política e na sociedade geral (DOMINGUES, 2007).

Durante o período escravista, as organizações, ainda precárias e clandestinas, são formadas nos quilombos (comunidades de escravos fugidos de fazendas). O mais importante deles levou o nome do seu líder, Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência e luta contra a escravidão. Além de defender sua comunidade dos invasores (por meio da capoeira, hoje transformada em luta e Patrimônio Cultural pela UNESCO), utilizavam-se do bandoleirismo (guerrilha contra povoados e viajantes) para rebelar-se contra a escravidão (FAHS, 2019).

Um ano após a abolição da escravatura houve a Proclamação da República. Apesar do novo sistema político, o

local social destinado aos povos negros continuou desfavorecido: sem promover bases dignas para se estabelecerem foras das fazendas, restaram as margens da sociedade – seja na política (com sufrágio restrito), na vida comunitária (com o racismo científico e a “teoria do embranquecimento”) ou ainda na economia (vagas de empregos preferencialmente ocupadas por imigrantes europeus).

Na tentativa de reverter esse quadro, foram criados movimentos de mobilização racial negra, que envolveram também os periódicos voltados a esse público. Conhecida como *Imprensa Negra Paulista*, os textos se tornaram meios de denúncia da segregação racial presente no país, que impedia o negro de frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatro, etc., além de certas escolas e locais públicos (DOMINGUES, 2007).

Uma organização com reivindicações políticas mais deliberadas foi surgir apenas em 1931 com a Frente Negra Brasileira (FNB). Essa entidade possuía grande participação feminina, envolvida em trabalhos assistencialistas e organizações festivas, por exemplo. Três anos depois, a FNB transformou-se em partido político, mas foi extinta logo depois pela ditadura do Estado Novo de Vargas, juntamente com todas as outras organizações políticas (DOMINGUES, 2007).

Posteriormente, o golpe militar de 1964 trouxe ainda mais dificuldades para a causa negra no Brasil. Uma vez enxergando as lutas contra discriminação como “ameaça à manutenção da ordem e paz social”, a teoria da democracia racial novamente ganhou destaque durante o período ditatorial. Os militantes do Movimento Negro eram acusados pelos militares de “criar um problema” que supostamente não existia: o racismo no Brasil. Segundo Skidmore (1994), no período da ditadura, a elite defendia o mito da democracia racial. Uma das estratégias para essa defesa era rotular de “não brasileiros” quem quer que levantasse sérias questões sobre relações raciais no país. O argumento, baseado na errônea ideia que o Brasil escapou do racismo e da discriminação devido a miscigenação, é uma ilusão que serve apenas para acobertar preconceitos. Por isso, seu conhecimento e desmitificação é essencial para o combate ao racismo (ALVES *et al.*, 2019).

Além disso, surgem mobilizações e figuras importantes: o movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos com Martin Luther King e Rosa Parks, a luta contra o Apartheid (legislação sul-africana que segregava negros no país) com Nelson Mandela, a criação do Teatro Experimental do Negro com Abdias Nascimento, cuja companhia foi a primeira a incluir o artista afrodescendente no teatro brasileiros. Esses são apenas alguns dos exemplos que serviram para reacender a articulação desse povo que, em 1982, se organizou na forma de Movimento Negro Unificado (MNU), objetivando unificar a luta de todos os grupos e organizações antirracistas em escala nacional.

Contudo, as políticas públicas continuavam obsoletas. Apesar de ações para “valorização da população negra” pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (SANTOS, 1999), medidas práticas só passaram a ser realizadas após a Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatadas de Intolerância (Durban,

África, em 2001). Após isso, o Estado mostra interesse em cumprir as resoluções internacionais determinadas no evento. Para tal fim, são criados programas de cotas, iniciativas estaduais e municipais e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR) (FAHS, 2019).

A instauração das cotas raciais foi uma das mais importantes – e polêmicas – ações afirmativas visando diminuir as disparidades econômicas, sociais e educacionais. Para entendê-las, deve-se relembra o conceito de equidade aristotélica. Para Aristóteles, deve-se *tratar desigualmente os desiguais para se promover a efetiva igualdade*. Em outras palavras, fazer com que pessoas em situações desiguais disputem nas mesmas condições fará com que a desigualdade seja perpetuada, haja visto que aqueles numa situação mais privilegiada terão maior sucesso, em detrimento dos não favorecidos. As ações afirmativas são um modo de colocar essas pessoas no mesmo patamar de concorrência (SCOVINO, 2018).

Promulgada em 2012, a Lei de Cotas (12.711) é exemplo claro de uma conquista após longa caminhada do movimento negro. Ela garante a reserva de vagas em instituições públicas ou provadas para grupos específicos, como negros e indígenas. Apesar de ainda haver enormes disparidades, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação cresceu de 2,2%, em 2000, para 9,3% em 2017 (BRITO, 2018). Por ser ferramenta de ascensão social, a educação é extremamente importante no combate às desigualdades sociais no país, justificando assim a importância das cotas (mesmo que de maneira provisória) no Brasil hodierno (LEMOS *et al.*, 2009).

Entretanto, a construção histórica do Brasil como um território racialmente democrático permanece interferindo nos passos da luta antirracista. Mesmo sendo o último país a abolir a escravidão em 1888, seguido, até os dias atuais, por medidas políticas que, na prática, fomentaram a discriminação e o extermínio do povo negro, o Brasil nunca se caracterizou pelo racismo “legal” ou legitimado – como os Estados Unidos que, com as “leis Jim Crow”, instituíram a segregação racial. O racismo brasileiro não é um antagonista palpável ou reconhecido e isso tem dificultado seu combate.

Uma prova de como a falsa ideia de “democracia racial” perdura foi dada recentemente, em maio de 2020, quando o assassinato do afro-americano George Floyd, durante uma abordagem policial nos Estados Unidos, ocasionou mais comoção e revolta pública no Brasil do que as 4.353 vidas negras que foram tomadas pelas mãos da polícia nacional em 2019, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Isso traz a reflexão sobre como práticas racistas foram historicamente naturalizadas na pátria que tem sua gênese na miscigenação e como há uma dificuldade geral na organização de movimentos e organizações civis por direitos sociais no país – o que evidencia a urgência por uma análise comunitária diante dos processos históricos, políticos e morais que construíram a identidade brasileira.

Contudo, diante de todos os empecilhos, o Movimento Negro permanece em ascensão – sinalizando o repúdio defronte a invisibilidade do sofrimento de um povo, erguendo a voz dos

que não são ouvidos e honrando o legado dos companheiros de luta que se foram – como Marielle Franco e Moa do Katendê. Com a esperança de que o Brasil supere seu passado e faça jus ao título de “país de todos” que um dia carregou.

REFERÊNCIAS

ALVES, Benhur Almeida Beraldo *et al.* Disparidades étnico-raciais no contexto da atenção em saúde: Uma reflexão teórica. In: PESSALACIA, Juliana Dias Reis et al. **Temas transversais para a formação médica**: Reflexões teóricas. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2020. v. 1, cap. 11, p. 140-151.

BRITO, Débora. **Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista**. Brasília: Agência Brasil, 27 maio 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista>. Acesso em: 4 nov. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

FAHS, Ana Salvatti. **Como surgiu o movimento negro?**. [S. l.], 20 nov. 2019. Disponível em:

<https://www.politize.com.br/movimento-negro/>. Acesso em: 1 nov. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *In: Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. [S. l.], 26 jun. 2019. Disponível em: https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf. Acesso em: 5 nov. 2020.

LEMOS, Ana Heloisa da Costa; DUBEUX, Veranise Jacubowski Correia; PINTO, Mario Couto Soares. Educação, empregabilidade e mobilidade social: convergências e divergências. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 368-384, jun. 2009 .

SANTOS, Helio. **Os negros e o governo FHC**. [S. l.], 5 fev. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz05029910.htm>. Acesso em: 1 nov. 2020.

SCOVINO, Fernanda. **Sistema de cotas no Brasil**: deu certo? [S. l.], 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sistema-de-cotas-no-brasil/>. Acesso em: 4 nov. 2020.

SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora**. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

Leonan José de Oliveira e Silva (Turma V) e Marcela Rodrigues Brandão (Turma VI) são alunos de Medicina e responsáveis pela matéria de capa.